

<https://doi.org/10.21680/2764-6076.2023v2n3ID31934>

AS EMOÇÕES E A SOCIALIZAÇÃO INFANTIL: A PESQUISA COM CRIANÇAS NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS

Denise Bortoletto¹

Adir Luiz Ferreira²

Igor Ramon Oliveira Costa³

Milena Fernanda Lopes de Souza⁴

Rebeca Domitila Tavares Maurício dos Santos⁵

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar reflexões teóricas sobre as emoções e a socialização das crianças na escola da infância, discutir inferências empíricas dessas variáveis e relatar vivências de estudantes da graduação em um projeto de PIBIC. A metodologia conta com dois momentos. No primeiro é realizada uma revisão bibliográfica de artigos, nos referenciais e nos autores que discutem as variáveis aqui tratadas. Em seguida, é feita a coleta de dados com as crianças e/ou professores em escolas das infâncias, e, por meio da observação participante, descreve dados para explicar os fenômenos emocionais e sociais. Os resultados são preliminares e sugerem que as emoções facilitam as interações entre as crianças e, pela socialização, as crianças conquistam um amplo conjunto de estados emocionais e elas buscam por processos de socialização horizontais, não impostos pelos adultos. Destaca, por fim, o quanto é importante a participação de estudantes dos cursos de graduação em projetos de pesquisa, além de apontar considerações relevantes ao campo educacional e à educação das infâncias.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<http://lattes.cnpq.br/6476126730669018>

<https://orcid.org/0000-0001-6752-5512> E-mail: denise@nei.ufrn.br

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<http://lattes.cnpq.br/0341824719316863> E-mail: adirlfer@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<http://lattes.cnpq.br/7815974927765300> E-mail: igorcostarcc@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<http://lattes.cnpq.br/8358920974035276> E-mail: milenaflopes@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<http://lattes.cnpq.br/1599801030400374> E-mail: rebeca.domitila.069@ufrn.edu.br

AS-CHAVE: emoções; socialização infantil; pesquisa com crianças; infâncias.

THE EMOTIONS AND CHILDREN'S SOCIALIZATION: RESEARCH WITH CHILDREN IN KINDERGARTEN

ABSTRACT: This article aims to present theoretical reflections on the emotions and socialization of children in kindergarten, discuss empirical inferences of these variables and report experiences of undergraduate students in a PIBIC project. The methodology has two moments. In the first, a bibliographical review of articles is carried out, in the references and in the authors that discuss the variables treated here. Then, data is collected with children and/or teachers in kindergarten schools, and, through participant observation, data are described to explain the emotional and social phenomena. The results are preliminary and suggest that emotions operate to facilitate interactions between children and, through socialization, a wide range of emotional states is achieved. Children seek horizontal socialization processes, not imposed by adults. Finally, it highlights how important the participation of undergraduate students in research projects is, in addition to pointing out relevant considerations in the educational field and childhood education.

KEYWORDS: emotions; children's socialization; research with children; childhoods.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado de estudos teóricos e de análises empíricas preliminares realizadas por meio da pesquisa "As emoções e a socialização das crianças na escola da infância", coordenada pelos dois primeiros autores. É um desdobramento da pesquisa de doutorado realizada pela primeira autora, sob a orientação do segundo autor. O projeto tem como objetivos principais investigar as emoções das crianças

processos de socialização na escola da infância e conta também com a participação de três bolsistas voluntários do PIBIC, programa que

visa a qualificação de estudantes de graduação para a pesquisa científica, uma oportunidade de participação de graduandos e graduandas em um projeto de pesquisa e contribui significativamente com seus processos formativos enquanto futuros pesquisadores.

As emoções operam para facilitar as interações entre as crianças e, pela socialização, se conquista um amplo conjunto de estados emocionais. À medida que as crianças se relacionam com seus pares, elas produzem significações sobre sua própria vida e sobre a vida em grupo. Deste modo, o estudo integrado entre essas variáveis na escola da infância pode contribuir significativamente com as práticas educacionais.

O referencial teórico adotado é específico para cada uma das variáveis, visto que são escassos no Brasil, os estudos que examinam conjuntamente as emoções e a socialização das crianças (ROAZZI, FEDERICCI e WILSON, 2001; ROAZZI, et al, 2011; LOUREIRO, FERREIRA, SANTOS, 2013). Raros são os trabalhos que investigam, ao mesmo tempo, as emoções e a socialização, tendo como olhar a pesquisa com crianças e não sobre as crianças, ou seja, que busque o descentramento do olhar adultocêntrico para a criança e para as infâncias.

No que se refere às emoções, foram utilizados os estudos de Damásio (1999, 2010, 2011, 2012, 2020, 2022) e de Turner (1999, 2003). A socialização das crianças é referenciada a partir dos estudos e pesquisas em Sociologia da Infância, destacando os trabalhos de autores como Abramowicz (2018), Corsaro (2002, 2011) e Sarmiento (1997, 2005), além do

o dos conceitos de socialização primária e secundária de Berger e Luckmann (2004). Nesse percurso de revisões teórico- conceituais,

buscam-se ainda os estudos que valorizam as pesquisas com crianças e não sobre as crianças, tais como os empreendidos por Campos (2008); Rocha (2008); Barbosa (2014) e Barbosa, Delgado e Tomás (2016).

Os percursos metodológicos empregados na revisão teórica estão sustentados na revisão bibliográfica de artigos, nos referenciais e nos autores que discutem as variáveis aqui tratadas. A seleção dos artigos foi feita por meio da base de dados da Scielo, empregando as palavras-chave “emoções”, “socialização”, “pesquisa com crianças” e “infâncias”, termo a termo, ou conjuntamente. A organização dos referenciais teóricos presentes em livros se deu a partir das publicações dos autores que apoiam o estudo.

A pesquisa conta ainda, com uma etapa de coleta de dados com as crianças e/ou professores em escolas das infâncias, uma pesquisa do tipo etnográfica (ANDRÉ, 1995) que busca na observação participante (ANGROSINO, 2009), dados para explicar os fenômenos emocionais e sociais que estão em constante movimento. Serão apresentados dados preliminares, visto que essa pesquisa se encontra em andamento.

Assim, esse artigo tem como objetivos apresentar reflexões teóricas sobre as variáveis de estudo e discutir algumas inferências empíricas acerca das temáticas, pois, todos os autores, cotidianamente, participam do universo escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

O referencial teórico-conceitual será descrito em três tempos. Inicialmente, as emoções serão conceituadas tomando por base os

estudos de Damásio e serão apresentadas as emoções primárias e as secundárias. Busca-se também alguns esclarecimentos sobre as emoções nos estudos relacionados à evolução humana, em especial nos trabalhos de Turner, que explicam como as emoções favoreceram nosso processo evolutivo e contribuíram para a nossa manutenção enquanto espécie. Em seguida serão discutidos, à luz da Sociologia da Infância, definições quanto ao termo socialização, buscando, ademais, os conceitos de socialização primária e secundária, de Berger e Luckmann. Por fim, serão discutidos referenciais e estudos que defendem as pesquisas com crianças e não apenas sobre elas e serão apresentados dados preliminares vivenciados pelos autores em diferentes momentos de coleta de dados na escola da infância.

2.1 As emoções humanas

O termo “emoções” têm sua origem no latim *movere*, que significa pôr em movimento, movimentar-se. Acrescidas do prefixo ‘e’ denotam afastar-se, indicando que em qualquer emoção está implícita a propensão para um agir imediato. Sobre o emprego do termo emoções é comum que ele seja confundido com os sentimentos, entretanto, na literatura da área, eles são distintos e serão explicados à luz dos estudos de António Damásio.

Os sentimentos têm a função de informar e esse é um papel importante para regular a nossa vida. Eles carregam dados significativos

ndo-os ao fluxo mental. Resultam do nosso estado interior, de modo que nossas percepções podem proporcionar reações emotivas e conduzir à respectivos sentimentos. Deste modo, os sentimentos permitem

a vida, a sobrevivência e são gerados por uma fisiologia única e complexa. (DAMÁSIO, 2020).

Sobre as emoções, o autor esclarece que:

Emoções são conjuntos complexos de reações químicas e neurais, formando um padrão; todas as emoções têm algum tipo de papel regulador a desempenhar, levando, de um modo ou de outro, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo em que o fenômeno se manifesta; as emoções estão ligadas à vida de um organismo, ao seu corpo, para ser exato, e seu papel é auxiliar o organismo a conservar a vida (DAMÁSIO, 2015, p. 51).

Ainda sobre a definição de emoção, Damásio, em seu livro *Sentir e Saber*, as define da seguinte maneira:

Emoções são um conjunto de ações involuntárias (por exemplo, contração de músculos lisos, alteração do ritmo cardíaco, respiração, secreções hormonais) e externas (expressões faciais, postura, etc.) provocado por estímulos externos reais, ou recordados; estas ações visam apoiar a homeostasia, por exemplo, reagir às ameaças (com medo ou raiva) ou dando a conhecer um sucesso (alegria). Quando recordamos acontecimentos também produzimos emoções e sentimentos (DAMÁSIO, 2020, p. 114).

Existe uma diversidade de emoções humanas. De modo especial, trataremos nesse artigo das emoções primárias, ou universais e das secundárias, ou sociais, tendo como referencial conceitual as pesquisas de Damásio.

Do que se refere às emoções primárias, em seu livro “O erro de Descartes”, Damásio (1999, p. 163) esclarece que:

As emoções primárias, leia-se inatas, pré-organizadas jamesianas dependem da rede de circuitos do sistema límbico sendo a amígdala e o cíngulo as personagens principais. A prova de que a amígdala representa esse papel na emoção pré-organizada provém de tanto da observação de animais como de seres humanos.

Como o funcionamento humano não é composto apenas de emoções primárias como a alegria, a tristeza, a raiva e o medo, Damásio faz uma distinção entre as emoções primárias e as secundárias.

As emoções primárias são mais fáceis de identificar pelas suas características, no entanto, as secundárias são aquelas que normalmente produzem mais efeito no dia a dia, pois temos mais dificuldade para ocultá-las e são expressas por meio de detalhes mais sutis (DAMÁSIO, 2015, p. 51).

Para o autor, o mecanismo das emoções primárias não dá conta de toda gama dos comportamentos emocionais, e por conta disso, é necessário outro sistema. “A estrutura do sistema límbico não é suficiente para sustentar o processo das emoções secundárias, a rede tem sempre de ser ampliada e isso requer a intervenção dos córtex pré-frontal somatossensorial” (DAMÁSIO, 1996, p. 163).

Tratando-se das emoções secundárias, (Damásio, 2012, p. 134) esclarece que:

O estímulo pode ainda atuar diretamente na amígdala, mas agora é também analisado no processo de pensamento e pode a partir daí ativar os córtices frontais (...). Em outras palavras, as emoções secundárias utilizam a maquinaria das emoções primárias(...). A natureza recorre a estruturas e mecanismos antigos a fim de criar

Dessa forma, as emoções secundárias consistem em ser “mecanismos” que se remetem às emoções primárias, entretanto ocorre um novo estado emocional no qual corroboram mudanças significativas no indivíduo e o cérebro libera moduladores peptídeos para a corrente sanguínea. Em suma: as emoções podem ser simples ou complexas e resultam variações em nossas redes neurais.

Ao compreender melhor o que são emoções segundo Damásio, algo que deve ser também ressaltado se refere à origem das emoções humanas, que se relacionam com os processos biológicos do funcionamento humano, que atuam como biorreguladores e agem estimulando como um mecanismo de sobrevivência. Além disso, as emoções tornam-se fulcrais na constituição da identidade e da subjetividade do indivíduo.

Em suas pesquisas, Damásio esclarece que Darwin catalogou diferentes expressões emocionais em espécies distintas de animais. O que lhe chamou a atenção foi que existem semelhanças nas expressões emocionais dos indivíduos, mesmo que sejam em culturas distintas e que recebam estímulos diferentes, o que nos leva a supor que é por meio delas que nos relacionamos.

Outro fator importante, é a função biológica das emoções que se divide em duas. A primeira diz respeito à produção de uma reação específica em alguma situação indutora e a segunda função é a regulação do estado interno do organismo para que o indivíduo esteja preparado para uma certa reação. Resulta que, a finalidade biológica das emoções são adaptações singulares que integram o mecanismo no

qual os organismos regulam a sua sobrevivência (DAMÁSIO, 2015).

Um aspecto crucial sobre as emoções é a sua relevância no processo de socialização, que auxilia no desenvolvimento socioemocional e é muito importante no desenvolvimento infantil, ou seja, as emoções são importantes ao processo de socialização.

Para Turner (2003), enquanto espécie, o social é condição essencial para a nossa sobrevivência. Nós somos capazes de empregar um sistema refinado de emoções, com a intenção de estabelecer laços sociais e manter as estruturas sociais tecidas. Frente a essa necessidade eminentemente humana, destaca-se a importância do estudo das características emocionais das crianças e a relação com o seus processos de socialização. Partindo do pressuposto do autor de que as relações sociais devem ser construídas e simbolizadas em códigos carregados emocionalmente, serão tecidas a seguir algumas considerações teóricas sobre a socialização das crianças.

2.2 A socialização das crianças

Assim como muitos campos científicos, o estudo da socialização voltado para as crianças é relativamente novo e teve seu início quando a Sociologia se propôs a estudar as minorias que não faziam parte do grupo de pesquisadores, baseando-se inicialmente na visão da criança de forma prospectiva, pensando no seu futuro, no que se tornarão, e posteriormente na visualização da criança como sujeito de protagonismo social.

A ascensão dos estudos da sociologia da infância aconteceu a partir da década de 1990, e suas reflexões foram pautadas em três

aspectos, conforme reflete Abramowicz (2018, p. 379):

É possível compreender que há pelo menos três premissas fundamentais que desencadeiam os estudos sociológicos da infância: a primeira diz respeito à criança como sujeito portador de direitos e, devido a isso, tem agência; a segunda diz respeito à infância como construção social histórica e não universal e a terceira defende que as crianças são atores sociais e, desse modo, atuam na dinâmica social, transformando a história e a cultura, o que implica dizer que as crianças atuam positivamente e ativamente nos processos de socialização e são, acima disso, produtoras de cultura.

A socialização acontece inicialmente por meio da interiorização do nosso meio, permitindo a compreensão dos nossos semelhantes - outros significativos - e do mundo como realidade social com sentido. Conforme explica Berger e Luckmann (2004, p. 175) "o processo ontogenético pelo qual isto se realiza é a socialização, que pode assim ser definida como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela."

A socialização, conforme os autores supracitados, encontra-se dividida em duas: a socialização primária e a socialização secundária. A primeira consiste na socialização proporcionada pelas primeiras instituições, como a família, na infância. Quando o indivíduo começa a abstrair que os papéis dos outros não são particulares, mas gerais, ele compreende que os outros significativos se tornam generalizados, ou seja, não é unicamente existente em seu mundo. É a partir disso que então inicia-se a socialização secundária, que introduz o ser socializado em novos setores da sociedade, na qual

[...] as crianças já começam a vida como seres sociais inseridos numa rede social já definida e, através do desenvolvimento da comunicação e linguagem em interação com outros, constroem os seus mundos sociais (CORSARO, 2002, p.114).

A sociologia da infância pensa a criança por meio de duas visões, segundo Abramowicz (2018), uma clássica partindo do contexto social para analisar a criança, e uma renovada em que a criança é pensada como sujeito singular, e por isso, observando suas características específicas. No geral, a intenção da sociologia da infância ao pesquisar sobre a criança no meio social “[...] é não pensar na perspectiva de um funcionamento do sistema, mas sim em como as crianças operam, resistem ou não, a esse funcionamento.” (Id, Ibid., p. 378)

No Brasil, as pesquisas do campo da sociologia da infância encontram-se majoritariamente na área da educação do que no próprio campo da sociologia. O estopim para se pensar sobre as crianças enquanto sujeitos para investigação foi a partir da obra “As trocinhas do Bom Retiro” de Florestan Fernandes (1979) e na obra de Virgínia Leone Bicudo (1945) que não foi visivelmente reconhecida - na qual o autor discutia sobre a cultura infantil atrelada ao folclore cultural adulto, proporcionando uma ênfase nos aspectos de gênero, etários, étnicos e sociais que posteriormente marcou os estudos sociológicos” (ABRAMOWICZ, 2018).

Inicialmente, a sociologia da infância priorizava uma socialização tradicional em que a criança se adaptava e internalizava a sociedade, se apropriando de elementos culturais dos adultos. Duas teorias, tal como

explica Corsaro (2011), defendem essa visão individual da criança para se almejar um objetivo adulto, são elas: o modelo determinista e o construtivista. O primeiro modelo consiste na visão da criança como algo indomável, e que precisava ser moldada, de forma passiva, para atuar na sociedade. E no segundo, a criança é vista como ativa, e construtora de seu mundo social e de seu lugar nele.

Com a mudança na visão social da criança, que passou a ser entendida como um agente protagonista e construtor de cultura de pares, os estudos sobre esse processo de socialização se modificaram, e foi proposto por Corsaro (2011) o modelo interpretativo, na qual a criança não se detém somente a interiorizar a cultura adulta, mas se torna parte dessa cultura, contribuindo na reprodução da mesma e na produção da cultura de pares, interpretando o que a cerca e produzindo ou reproduzindo a cultura para os seus pares (CORSARO, 2002).

Os objetos sociais da infância e ela própria são interpretados, debatidos e definidos no processo de construção social, pois “[...] as crianças, assim como os adultos, são participantes ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de sua cultura compartilhada.” (CORSARO, 2011, p. 19).

Nesse modelo interpretativo, a criança

Inscreve e é inscrita, na medida em que nossas práticas constituem crianças de determinadas maneiras, ao mesmo tempo em que as crianças se subjetivam como uma força sobre si próprias, que as constituem e nos constituem. A sociologia da infância chama este processo de autoria social. (ABRAMOWICZ, 2018, p. 375).

Dessa forma, o presente artigo mostra as visões antagônicas - prospectiva e protagonista - da criança ao longo dos anos, sua inserção no campo científico como objeto de pesquisa no Brasil e no mundo

(ABRAMOWICZ, 2018), o processo de socialização primária e secundária (BERGER; LUCKMANN, 2004) e as diferentes visões na sociologia da infância - tradicional e interpretativa - apresentadas por Corsaro (2002, 2011). Neste ínterim, a pesquisa com as crianças foi, progressivamente, conquistando espaço na ação dos pesquisadores, bem como os conceitos de criança e infância, tal como se discutirá a seguir.

2.3 As crianças, as infâncias e as pesquisas com crianças

É muito recente o interesse dos pesquisadores na realização de pesquisas com crianças e não apenas sobre elas (CAMPOS, 2008; ROCHA, 2008). As crianças, por meio das relações que estabelecem com seus pares, produzem significações sobre a sua própria vida, sobre o mundo e sobre as coisas, entretanto, em muitas pesquisas sobre as crianças, em que se prevalece a percepção do adulto sobre elas, a infância parece estar invisível, as crianças parecem estar em segundo plano.

Os estudos que valorizam a escuta da criança e a pesquisa com ela, têm destaque, de modo geral, a necessidade de se dar maior visibilidade social às contribuições que as crianças trazem, não apenas para o seu ambiente familiar, mas também para a sociedade de um modo geral, valorizando a voz e a vez das crianças que compõem o grupo geracional da infância, o qual por sua vez, está inserido em todas as dimensões da

sociedade (BARBOSA, DELGADO e TOMÁS, 2016; CORSARO, 2002; RIVEIRO e ROCHA, 2019).

A criança e as infâncias que constituem a sociedade contemporânea são múltiplas, diversas, variadas, estão em processos de formação e transformações constantes, o que requer um novo olhar para elas. Este novo olhar, como aquele visto em um caleidoscópio nas mãos das crianças que cria e recria imagens múltiplas em um movimento constante, pode ser observado por aqueles que se aventuram a perceber a infância a partir de uma nova perspectiva, mais humana, diversa, transdisciplinar. Olhar, perceber, ressignificar, construir, reconstruir são alguns dos verbos que podem ser empregados por todos aqueles desejosos de uma nova visão para a forma como compreendemos as infâncias e a criança em nossa sociedade, no contexto atual.

Encontramos assim, inspirações para pensar a criança e as infâncias, nos estudos da Sociologia da Infância. Para Sarmiento (1997) as crianças são atores sociais de plenos direitos, dotadas de capacidade de produção simbólica, que têm a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, ou seja, as suas culturas. As crianças organizam entre si e com os adultos variadas interações simbólicas e participam coletivamente da sociedade. Deste modo, a criança varia entre sociedades, culturas e comunidades, bem como em cada família ou de acordo com o seu lugar social. Sofre também interferências de acordo com o conceito de infância que prevalece em cada época.

Sarmiento (1997) reconhece a infância como um objeto sociológico, que tem como função o resgate da criança das diferentes perspectivas, tais como as biologicistas e as psicologizantes. Para ele é

preciso redirecionar o nosso olhar para uma leitura interdisciplinar, que compreenda e interprete a mutivariabilidade de componentes próprios da infância. Ele ressalta que as crianças sempre existiram, mas a infância, como construção social, é parte de uma discussão mais recente.

Com efeito, crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social — a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria — existe desde os séculos XVII e XVIII (Id, *ibid.*, p.1).

Sirota (2001) confere às crianças o *status* de atores sociais que, à medida que se relacionam com os outros, participam de trocas, de interações, dos processos de ajustamentos, tentando transformar a sociedade. Deste modo, é importante que a criança seja vista como objeto sociológico em sentido pleno.

As crianças na contemporaneidade, cada vez menores, têm vivido a infância fora do contexto familiar, o que tem exigido processos de socialização cada vez mais elaborados. Assim, reconhecer a infância como um grupo social, como uma variável de análise sociológica, considerando-a em sentido pleno, que se articula a outras variáveis como classe social, gênero, etnia, se torna cada vez mais necessário. A infância é, portanto, um percurso de sequências múltiplas e a criança é uma variável em si (SIROTA, 2001).

Corsaro (2011, p. 15) compreende as crianças como “agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das

sociedades adultas". Para ele, as crianças integram e são autoras das suas infâncias, têm uma natureza ativa e com potencial criativo, são protagonistas, transformam enquanto são transformadas. Deste modo, elas se responsabilizam pela própria infância e conseguem construir explicações sobre o mundo e sobre as coisas que as cercam.

Uma estrutura social, um segmento, uma categoria social: essa é a forma como Qvortrup (2010) concebe a infância. Para ele, na sociedade a infância sempre fora vista como uma estrutura subordinada à dos adultos e o conceito de infância, enquanto categoria na estrutura social, não era debatido. Ao pensarmos a infância enquanto estrutura, a identificamos não como o desenvolvimento da criança, mas como o desenvolvimento da infância. Para o autor, a infância, em termos estruturais, não tem início e término, não é entendida de modo periódico e considerada uma categoria permanente de qualquer estrutura social. Ela é, portanto, uma categoria estrutural e todas as crianças nela passam. Assim, a infância é compreendida como um espaço social em que as crianças estão inseridas e se transformam a todo tempo, tal como na idade adulta ou na velhice.

Frente ao exposto, na perspectiva da Sociologia da Infância podemos falar de uma variedade de infâncias e não de uma infância como um fenômeno único e universal. A Sociologia da Infância se propõe, portanto, a perceber a infância como objeto sociológico e suscitar assim reflexões e diálogos sobre as crianças e as infâncias como objeto de investigação sociológica e, deste modo, colaborar com a ampliação do conhecimento sobre a infância, inserida em uma sociedade (SARMENTO,

2005).

Essa “nova” criança, imersa em “infâncias” exige então novas posturas metodológicas dos pesquisadores. Corsaro (2002), a respeito da pesquisa social com crianças, diz estar certo de que elas têm suas próprias culturas e, para que possamos registrá-las, é preciso entrar na vida cotidiana e “se tornar uma delas”, o que para ele, só é possível por meio dos estudos do tipo etnográficos, tal como discutiremos a seguir.

2.4 Breves percepções sobre quando estamos com as crianças na escola da infância

Uma das ações do projeto de pesquisa “As emoções e a socialização das crianças na escola da infância” é possibilitar momentos de coleta de dados com as crianças, com a intenção de capturar, pelo nosso olhar e pela escuta de suas experiências sociais, suas formas de ser e estar na escola, suas emoções e as suas formas de interação entre seus pares, seu processo de socialização. Como anunciado, defendemos uma pesquisa que valorize as crianças e as infâncias a partir do seu olhar, das suas percepções do mundo e das coisas, sob a sua perspectiva. Neste sentido, corroboramos com o pressuposto de Corsaro (2002): o pesquisador das infâncias precisa conquistar o *status* de membro e ser aceito no mundo da criança.

Na pesquisa sobre a infância, a postura de escutar e estar com crianças favorece uma “relação respeitosa com os modos de ser das crianças” (BARBOSA, 2014, p. 244) e permite revelar “um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito

social de pertença dos adultos" (ROCHA, 2009, p. 46).

Deste modo, faremos a seguir alguns relatos sobre as nossas vivências nos momentos de coleta de dados realizados pelos autores na escola da infância, com crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. As observações e os registros foram realizados em duas escolas públicas e uma privada, instituições de trabalho, ou de estágios dos autores. Não se tem o objetivo de comparar as realidades, mas de apresentar dados de distintos contextos sociais.

No que se refere às emoções das crianças, um momento de observação de um jogo de futebol das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental traz dados expressivos sobre suas formas de interação e sobre seus estados emocionais. O fato revela um desentendimento das crianças em torno das regras do jogo, pois a disputa pela bola ocasionou em um gol que elas achavam ser injusto, pelo fato de não serem observadas as regras combinadas inicialmente. Tal situação requereu a mediação de um professor, pois o conflito não fora resolvido por meio das múltiplas negociações entre elas (Diário de campo, 15 set. 22).

Observar o jogo de futebol acima relatado nos possibilitou descrever um misto de emoções das crianças: a alegria por vencer o jogo, a frustração por ter perdido a partida, a injustiça por não ver as regras sendo cumpridas como o combinado, a raiva com o colega que não coopera e até mesmo a irritação por não ser capaz de marcar um gol. Além disso, é notório o quanto a mediação do adulto apoiou as crianças em seus processos de regulação homeostática, frente a uma situação desadaptativa.

Ainda quanto às emoções das crianças e suas relações com os seus pares, em um diálogo com um grupo que estava concluindo o 5º ano do ensino fundamental, último ano na instituição observada, quando

questionadas sobre o que sentiam pelo fato de necessariamente precisarem mudar de escola, uma menina disse:

é triste, por que saber que no próximo ano a gente não vai mais estudar com eles, nem estar, mas mesmo assim a gente pode se ver, falar no *WhatsApp*, marcar um dia para sair e alguns vão pra mesma escola, mas outros já vão pra outras e vão fazer nossas experiências de amigos (Episódio registrado em 27 out.22).

A escola, espaço de socialização secundária, parece favorecer os processos de encontro entre as crianças e proporcionar a interação com outras pessoas para além do seus núcleos familiares, onde elas iniciam seus percursos de socialização primária. A sociedade contemporânea tem colocado as crianças cada vez mais cedo em outras instituições para além da família, o que possibilita que elas entrem em contato, cada vez menores, com outras formas de organização social, e a escola, nesse contexto, parece ser umas formas institucionais mais frequentadas pelas crianças.

O processos de socialização, em especial entre as crianças da educação infantil, parecem ser marcados por ações que representam o cotidiano vivido por elas, ou seja, por meio das suas ações, de modo expressivo, pelas brincadeiras, elas parecem trazer representações de papéis sociais, tal como expressa o relato a seguir:

No início do horário do parque, um grupo de crianças brincava de aniversário, uma dupla imitava cachorro e dono, outras crianças corriam livremente pelo parque ou utilizavam os brinquedos, haviam ainda crianças fazendo construções na areia e brincando de mãe e filha (Diário de Campo, 1 de agosto de 2022).

O brincar opera na infância como um recurso regulador das emoções das crianças, bem como favorece os processos de organização da cultura de pares, dos seus modos de estar coletivamente. As crianças, por meio das brincadeiras, operam sobre a realidade, trazendo para as representações conteúdos sociais vividos por elas, tanto na escola, quanto fora dela. Deste modo, à medida que as práticas escolares possibilitam o brincar das crianças a partir das escolhas delas, de modo horizontal e não impostos pelos adultos, favorece em consequência, que elas vivenciem e sistematizem suas próprias culturas e deem significados a elas.

Observamos que a dinâmica organizacional da socialização das crianças acontece por meio de grupos, geralmente criados entre crianças que possuem afinidades em suas culturas promovidas na socialização primária, e também, no processo de acolhimento das emoções e sentimentos do outro. Dessa maneira, a criança participa de um grupo social a partir da sua identidade, de sua identificação, e de suas emoções. Nesse sentido, observamos:

Um aluno não sentia afinidade de jogar futebol, e sempre buscava brincar com os colegas na hora do intervalo de outras brincadeiras. Seus dois colegas mais próximos perceberam a não identificação do outro com o jogo, e aos poucos passaram a deixar de jogar. (Diário de Campo, 22

de novembro de 2022).

Nessa situação, percebemos que a partir da escolha do aluno em não querer jogar futebol, seus colegas pensando na dinâmica de interação entre eles, e no acolhimento do sentimento, optaram por tomar a mesma decisão para que suas relações não sofressem qualquer interferência.

No que se refere aos estudos com crianças e não sobre as crianças, os momentos de coleta de dados demonstram o quanto é necessário que os pesquisadores estejam com regularidade entre as crianças para que sejam assim, tal como afirma Corsaro (2002), aceitos por elas e se tornem um membro de seu grupo. Na pesquisa social com crianças, em função delas terem suas próprias culturas, para documentá-las, faz-se necessário estar cotidianamente na vida delas e se tornar uma delas (CORSARO, 2005). Em uma pesquisa com crianças de 4 e 5 anos que frequentavam a educação infantil, após repetidas vezes em que o pesquisador esteve com o grupo, uma delas disse: "Hoje você brinca com a gente?" (Diário de campo, 25 jul. 22). Essa é uma forma de percepção de que provavelmente fomos aceitos pelo grupo e que a ele pertencemos. Assim, estar repetidas vezes com as crianças, provavelmente garantirá esse status.

Em síntese, os relatos aqui apresentados constituem-se com resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, mas que revelam dados significativos sobre as emoções das crianças e sobre a sua vida social. As crianças demonstram necessidade de dialogarem sobre seus estados emocionais, vivenciam e constroem cultura à medida que se relacionam com seus pares e têm o pesquisador como alguém que

“pertence” ao espaço.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as variáveis aqui tratadas se torna cada vez mais necessário, pois, compreender o papel das emoções no processo de interação e de socialização das crianças pode favorecer significativamente as práticas de ensino e de aprendizagem, além de potencializar o desenvolvimento das crianças, de modo amplo, considerando as diferentes dimensões da constituição humana.

A criança não chega ao mundo com suas habilidades socioemocionais desenvolvidas, ao contrário, ela as incorpora em seu funcionamento à medida que estão em ação no meio, de modo que as experiências, a cultura, a família, a escola favorecem estas aprendizagens. Com a evolução do seu desenvolvimento, a criança passa a assimilar e aprende a lidar melhor com suas emoções.

As relações que as crianças constroem e vivenciam em seus universos de socialização favorecem significativamente esse processo, pois *“as pessoas interagem com o ambiente, afetam e são afetadas pelo contexto social e esta interação não é apenas do cérebro ou de uma parte do corpo”* (ROAZZI, et al, 2011, p. 59).

Olhar para as emoções das crianças na escola das infâncias mostra cotidianamente que suas relações são carregadas de conteúdos

emocionais. Elas interagem, se relacionam, se agrupam e constituem sua cultura de pares por meio de processos que são perpassados pelas emoções. As observações revelam o choro pelo medo de ficar na escola, a frustração por não conquistar o brinquedo preferido, a tristeza por não ter mais a amizade de um colega, a alegria por brincar com algo desejado ou por ter no cardápio o lanche esperado. Enfim, o cotidiano escolar é constantemente envolvido pelas emoções.

A pesquisa dialoga ainda com o pressuposto teórico de que as emoções colaboram para facilitar as interações entre as crianças e, pela socialização, se conquista um amplo conjunto de estados emocionais. Nos modos de ser e estar com as crianças ficou expresso o quanto elas operam em busca de relações horizontais de socialização, tanto com os adultos, quanto com as crianças. Relações que privilegiam que sejam ouvidas e acolhidas a partir da sua perspectiva, da sua lógica, da sua visão de mundo e não impostas pelos adultos, que muitas vezes tendem a determinar as formas de ação na infância.

Nesse sentido, é válido ainda considerar o quanto a função mediadora dos professores no processo de reconhecimento e validação das emoções das crianças, bem como dos seus processos de organização entre os pares é necessária. Um professor que escuta a criança, que a acolhe sem julgamento, permite a expressão dos conteúdos subjetivos das crianças, o que pode contribuir de modo expressivo com sua formação.

Há que se destacar também a importância da participação de estudantes dos cursos de graduação em projetos de pesquisa. As ações sistematizadas possibilitam, de modo prático, experiências nas diferentes demandas que o projeto abrange, além de favorecer a compreensão

quanto às especificidades da pesquisa com crianças, que requer do pesquisador momentos de vivência e permanência junto aos grupos em que se fará a coleta de dados.

Deste modo, consideramos por fim, a necessidade de ampliarmos esse estudo, a fim de melhor conhecer e analisar diferentes realidades e trazer assim reflexões para a escola das infâncias, bem como para o campo educacional, de modo geral.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Sociologia da Infância: traçando algumas linhas.** Contemporânea, Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n.2, p. 317-383, jul./dez. 2018.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papirus, 1995.

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p.235-245, jan./jun. 2014.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; DELGADO, Ana. Cristina Coll.; TOMÁS, Catarina Almeida. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? **Inter-Ação**, Goiânia, v.41, n.1, p.103- 122, jan./abr.2016.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008. p.35-42.

CORSARO, William Arnold. **A reprodução interpretativa no brincar ao**

“faz-de- conta” das crianças. Educação, Sociedade e Culturas, 2002, nº 17, 2002, 113-134.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, Willian. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.

DAMÁSIO, António R. **Saber e Sentir. A caminho da consciência**. Lisboa: Temas e Debates, 2020.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente, Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente, Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 3ª ed.

DAMÁSIO, António R. **Sentir e saber. As origens da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DAMÁSIO, António. **O livro da Consciência: a construção do cérebro consciente**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2010.

LOUREIRO, Cândida; FERREIRA, Maria Manuela Frederico; SANTOS, Margarida Reis. Identificação dos fatores determinantes no desenvolvimento das competências sociais dos adolescentes. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra , v. serIII, n. 10, p. 79-88, jul. 2013.

QVORTRUP, Jens. **A infância enquanto categoria estrutural. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

RIVERO, Andréa Simões, ROCHA Eloísa Acires Candal. **A brincadeira e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil. Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 240063, 2019, p. 1-24.

ROAZZI, Antonio. et al. O que é emoção? em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças. **Psicologia Reflexão e**

Crítica, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 51-61, 2011.

ROCHA, Eloisa Acires Candau. Por que é importante as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-51.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n.01, p. 17-40, jan./jul. 2005a.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (coord.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 112, p. 7-31, Mar. 2001.

TURNER, Jonathan H. **Origens das emoções humanas: um inquérito sociológico acerca da evolução da afetividade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia: conceitos e aplicações**. São Paulo: Macron Books, 1999.

Recebido em 28 de Março de 2023

Publicado em 21 de junho de 2023

